

A psicologia do desenvolvimento como pressuposto teórico para refletir acerca dos processos de socialização na infância¹

Desireè Ribas FUMAGALLI²

Juliana PETERMANN³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo visa estabelecer relações entre a esfera midiática e a infância. Nesse sentido, consiste em uma discussão teórica embasada na psicologia do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1988; 1991) e nos processos de socialização (BERGER E LUCKMANN, 2011; SETTON, 2002; 2005). A reflexão é desenvolvida com base em uma visão interacionista, considerando a socialização a partir da escola, da família e da mídia. Como resultado, destaca-se a importância de complexificar a relação entre mídia e infância, ou seja, ampliar o olhar para o contexto, considerando as relações sociais envolvidas no processo de desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento infantil; socialização; mídia; família; escola.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em um ensaio epistemológico com o propósito de compor uma reflexão acerca da mídia, da escola e da família como processos de socialização na infância, adotando como embasamento principal a psicologia do desenvolvimento.

A psicologia do desenvolvimento nos permite complexificar as relações infantis com a esfera midiática. Ao estudar a mídia, entendemos que ela é formada por um cruzamento de discursos dotados de certos posicionamentos, e, esses posicionamentos condicionam comportamentos e papéis sociais. Dessa forma, a mídia contribui na compreensão de mundo das pessoas, através da produção e circulação de significados. Assim, o consumo movimenta toda a relação existente entre mídia, cultura e ideologia, estando diretamente ligado ao contexto social de cada sujeito, através do

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: desireeribas@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jupetermann@yahoo.com.br.

condicionamento de comportamentos, da produção de sentido ou da reafirmação das posições de classe.

Ao considerar o papel da mídia na infância, propomos sua compreensão como um processo de socialização, que, juntamente com outras instâncias, contribui para a configuração de papéis sociais, através de um processo de identificação e consequente internalização de práticas e comportamentos.

Nesse sentido, abordaremos a psicologia do desenvolvimento por um viés interacionista com apoio de Lev Vygotsky (1988, 1991), os processos de socialização com base em Berger e Luckman (2011) e Setton (2002, 2005), e os apontamentos específicos à esfera midiática serão amparados por Baudrillard (1995) e Silverstone (2005).

Portanto, inicialmente propomos um panorama de aproximação com a vertente da psicologia do desenvolvimento que nos apoiamos, subsequentemente direcionamos o olhar aos processos de socialização, para, por fim, traçar alguns apontamentos característicos do papel midiático nessa perspectiva.

Reiteramos que, essa discussão possui um caráter reflexivo no intuito de pensar a mídia como instância de socialização na infância com base em movimentos de tensionamento entre diferentes perspectivas teóricas.

2. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A psicologia do desenvolvimento, como será aqui compreendida, trata do desenvolvimento da criança, buscando desvendar o ser humano desde seu nascimento até a adolescência. Existem diversos autores que dedicaram seus estudos à psicologia do desenvolvimento, dentre eles, selecionamos Vygotsky (1988, 1991) para nos apoiar ao decorrer dessa discussão teórica. O autor salienta o enfoque sociocultural no processo de desenvolvimento, concebendo estudos com uma visão interacionista, ou seja, levando em consideração os fatores provenientes do indivíduo em si e também os fatores provenientes do ambiente.

A concepção teórica de Vygotsky “apoia-se em pesquisas oriundas da educação, da sociologia, da história, da antropologia. Admite em seu ponto de partida que o desenvolvimento está mergulhado num rico e multifacetado contexto cultural” (MALUF, 2014, online). Ainda que os estudos do autor sejam oriundos do início do

século XXI, “foi nas últimas décadas que ocorreu a retomada das teses de Vygotsky e nesse sentido ela pode ser considerada como uma “teoria emergente”” (MALUF, 2014, online). Assim sendo, acreditamos que esse enfoque sociocultural do desenvolvimento se enquadra na presente proposta, na medida em que consideramos as trocas com o meio e os processos de socialização como alguns dos principais aspectos no que se refere ao consumo infantil.

Para Vygotsky (1991, p. 26) a língua é o principal instrumento de representação simbólica. O autor assinala a atribuição do “uso de signos à descoberta espontânea, pela criança, da relação entre signos e seus significados”. Nessa perspectiva, a cultura atua como fornecedora de sistemas simbólicos de representação da realidade, e, é através destes signos que se pode construir uma interpretação do mundo real. Assim, entendemos que, a relação do homem com o mundo é uma relação mediada, realizada por meio de signos. Logo, é por meio de uma representação mental que se efetivam as relações com os símbolos.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 1991, p. 33)

Nesse sentido, é possível levantar a concepção de Baudrillard (1995) no que tange as mensagens transmitidas pela mídia, que, de acordo com o autor, representam a realidade através de signos. Essa convergência teórica não se dá arbitrariamente, pelo contrário, é o que evidencia o consumo midiático como um processo de socialização, o que ocorre devido a presença da cultura na mídia (e da cultura da mídia).

As crianças nascem e de imediato entram em contato com um mundo de signos. Aos poucos, a aprendizagem e o desenvolvimento permitem a apropriação desses signos. A partir da importância da língua no desenvolvimento humano, Vygotsky (1991) aponta a *fala* ou a *atividade simbólica*, como organizadora de funções psicológicas superiores, como o *pensamento* ou *raciocínio prático*. No entanto, inicialmente, a fala e o pensamento atuam de forma dissociada.

O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a *fala* e a atividade *prática*, então duas linhas

completamente independentes de desenvolvimento, convergem.
(VYGOTSKY, 1991, p. 27, grifos nossos)

Esse processo de convergência entre fala e atividade prática é o início de uma ação de internalização da fala socializada. Nesse momento, a criança se apropria da reflexão para si mesma, associando o pensamento e a fala. O conceito de internalização é fundamental para esta discussão, pois corrobora com a compreensão da mídia “como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados.” (SILVERSTONE, 2002, p. 13).

A internalização está imbricada em todo o processo de desenvolvimento, já que Vygotsky (1991) compreende o desenvolvimento partindo de instâncias externas para instâncias subjetivas. “Chamamos de internalização a reconstrução interna de uma operação externa” (VYGOTSKY, 1991, p. 63). Essa interiorização de formas de comportamento social e historicamente construídas e enraizadas envolve uma reconstrução da atividade psicológica e compõe o aspecto característico da psicologia humana.

A partir do entendimento do desenvolvimento pela internalização, ou seja, de fora pra dentro, podemos entender a importância da aprendizagem em uma concepção social. Já que, para Vygotsky (1991, p. 95) é a aprendizagem que leva ao desenvolvimento, sendo que, ambos “estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”.

Ao compreendermos a infância através da psicologia do desenvolvimento buscamos elucidar a importância do contexto social e do caráter simbólico presente no mesmo. Salientamos novamente que um dos aspectos centrais ao estudo que aqui nos propomos é o processo de internalização, já que, compreende a incorporação de comportamentos definidos culturalmente. Dessa forma, torna-se necessário destacar os processos de socialização que as crianças estão sujeitas, pois é por meio das trocas sociais que ocorre a internalização. Para tanto, nos apoiaremos em Berger e Luckmann (2011) destacando três instâncias centrais a partir de Setton (2002), são elas: a família, a escola e a mídia.

3. PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

Consideramos a socialização de acordo com o entendimento de Berger e Luckmann (2011, p. 167), partindo do pressuposto de que “o indivíduo não nasce

membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade”.

Ainda de acordo com os autores, é por meio da identificação (ligada a fatores emocionais) com outros sujeitos da sociedade, que a criança, começa seu processo de interiorização cuja finalidade é o encontro da subjetividade. A interiorização elucidada por Berger e Luckmann (2011) segue pressupostos semelhantes aos do processo de internalização exposto por Vygotsky (1991). “A interiorização só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus.” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 170). É a partir dessa identificação, seguida da interiorização que a criança consegue identificar a si mesma e construir um primeiro modelo de subjetividade. Assim, “a personalidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo.” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 171).

Berger e Luckmann (2011) apontam dois processos de socialização, a socialização primária e a secundária. Na socialização primária ocorrem os primeiros atos de identificação e as primeiras definições de comportamento. A socialização secundária compreende a fase que exige uma divisão do trabalho e uma distribuição do conhecimento. Em suma, esse segundo processo de socialização é “a aquisição do conhecimento de funções específicas” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 179)

Portanto, entendemos que a primeira etapa de socialização é construída a partir das primeiras pessoas com as quais a criança entra em contato: o pai e a mãe. Conseqüentemente, a interiorização adquirida na socialização primária é tomada como verdade universal para a criança, pois os primeiros modelos de identificação são os únicos e principais que ela possui contato. Já na socialização secundária, encontra-se a escola e outras instâncias que acompanham o indivíduo ao longo de sua vida. Nesta etapa existe uma maior possibilidade de identificação com novas pessoas e concepções. Portanto, cabe ressaltar que a socialização é um processo que acompanha o sujeito de forma constante e mutável. Ou seja, “esta interiorização da sociedade, da identidade, da realidade não se faz de uma vez para sempre. A socialização nunca é total nem está jamais acabada.” (BERGER; LUCKMANN, 2011, p. 178)

Setton (2005) aponta a existência de três instâncias com maior influência no processo de socialização das crianças, que são a família, a escola e a mídia. Até a década de 1960, a família e a escola eram compreendidas pela sociologia como duas

instituições separadas, “mas cada uma delas com sua função e com seus papéis complementares na formação e na socialização dos indivíduos.” (SETTON, 2005, p. 345).

a partir da década de 1970 no Brasil, com o crescimento de um mercado de bens simbólicos, podemos visualizar outra configuração sociocultural. [...] Surge timidamente, mas aos poucos se consolida, um mercado difusor de informações e de entretenimento com um forte caráter socializador (cf. ORTIZ, 1988; THOMPSON, 1995; HALL, 1997). Estamos falando do surgimento da cultura de massa, que, com toda sua diversidade e seu aparato tecnológico, com a capacidade de publicizar conselhos e estilos de vida (cf. MORIN, 1984), passa a difundir uma série de propostas de socialização. Partilha, pois, com a família e a escola, uma responsabilidade pedagógica. (SETTON, 2005, p. 346)

Atualmente, acreditamos que a esfera midiática perpassa tanto a socialização secundária, quanto a socialização primária, já que, o contato com a mídia se estabelece desde os primeiros anos de vida da criança.

Sendo assim, a partir de Setton (2002, 2005) e Berger e Luckmann (2011) consideraremos aqui, três principais instâncias socializadoras: a família, a escola e a mídia. Entendendo que cada uma difunde padrões de conduta diversificados e heterogêneos, mas que são essas estruturas e representações que contribuem para o desenvolvimento infantil, moldando os papéis sociais e a subjetividade da criança.

3.1 A família, a escola e a mídia como principais instâncias socializadoras na infância

Setton (2002) esclarece que podemos considerar o processo de socialização familiar a partir de dois enfoques. O primeiro elucida o processo de identificação, é na identificação com os modelos familiares que ocorrem as primeiras integrações sociais e se formam os primeiros moldes de subjetividade. Esse primeiro enfoque vai ao encontro dos processos de internalização e interiorização que já elucidamos anteriormente. O segundo enfoque encontra-se no entendimento da família como “responsável pela transmissão de um patrimônio econômico e cultural” (BOURDIEU, 1998, 1999 apud SETTON, 2002, p. 111).

Setton (2002) salienta que um aspecto importante para a compreensão do papel da família na socialização é o entendimento de que os valores familiares são inicialmente tomados como absolutos e, portanto, são os mais inabaláveis em todo o

processo de socialização. Berger e Luckmann (2011), que partilham de uma concepção semelhante, consideram os valores familiares como fundamentais, mas não inabaláveis. Neste caso, cabe ressaltar “a heterogeneidade de configurações familiares, a diversidade de recursos e posicionamentos sociais, bem como a diversidade de comportamentos e relações que podem estabelecer com as outras instâncias socializadoras.” (SETTON, 2002, p. 112). Por isso, a importância de abordar, mais adiante, a escola e demais referências simbólicas.

Portanto entendemos a família como primeira instância de socialização. Ou seja, é a partir do processo de identificação e interiorização da linguagem e do comportamento que são direcionadas as primeiras concepções das crianças. A sequência de socialização tem continuidade na escola, que cumpre o papel de segunda instância socializadora.

A apropriação do saber transmitido pela escola varia de acordo com as experiências de vida de cada um/uma, já que, a forma como a criança se relaciona e interioriza conhecimentos depende das pessoas com as quais ela convive. No entanto, de modo amplo,

a escola sempre foi vista como responsável pela transmissão de um saber consagrado, útil para a manutenção de uma ordem baseada na divisão do trabalho social. [...] Ambígua por natureza, a escola é responsável também pela expansão do acesso ao conhecimento ao mesmo tempo em que pode contribuir para o fortalecimento de um saber restrito a poucos. (BOURDIEU, 1998 apud SETTON, 2002, p. 112)

Até esse momento observamos a escola como uma entidade independente, e como tal, dotada de um posicionamento, caracterizado pela difusão e fortalecimento de um saber restrito a poucos, pela delimitação de espaços e por estruturas e representações baseadas em hierarquias. Existem inúmeros fatores específicos provenientes da estrutura e organização da escola que reforçam essas características, como a organização das classes em sala de aula e os ambientes direcionados aos meninos e às meninas, como banheiros, refeitórios, entre outros. O próprio papel do/a docente atua diretamente na socialização dos/as estudantes. Vygotsky elucida que “a tarefa do docente consiste em desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes” (VYGOTSKY, 1988, p. 108). O que o autor aponta seria o papel ideal do/a docente, no entanto, é comum a tendência de uniformização e propagação de pensamentos que sigam o posicionamento da escola.

Além da família e da escola, a mídia desempenha um importante papel na socialização de crianças. “A cultura de massa ao circular informação e entretenimento transmite também valores e padrões de conduta diversificados” (SETTON, 2002, p. 113). Nessa perspectiva, entendemos a mídia, e conseqüentemente, o consumo midiático como um processo de socialização, ou seja, ligamos a mídia à cultura. Kellner (2001, p. 82) elucida a cultura da mídia, como uma cultura de “representações que ajudam a constituir a visão de mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas”.

Assim sendo, também cabe considerar que “a cultura da mídia [...] ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos sociais” (KELLNER, 2001, p. 81), na medida em que prioriza determinados discursos em detrimento de outros, o que corrobora com o desenvolvimento de estereótipos de gênero, classe, raça e outros tantos.

Nesta perspectiva, Baudrillard considera que “as comunicações de massa não nos oferecem a realidade, mas a vertigem da realidade [...]. Vivemos desta maneira ao abrigo dos signos e na recusa do real.” (BAUDRILLARD, 1995, p. 24-25). Entendemos, dessa forma, que, as mensagens consumidas, compostas por signos, compõem uma representação da realidade, e, é através dessa representação que se afirmam comportamentos e estilos de vida.

“Todo o discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a da propensão natural para a felicidade. [...], a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação” (BAUDRILLARD, 1995, p. 47). Baudrillard (1995) acredita que o consumo cumpre o papel de assegurar a ordenação dos signos e a integração do grupo, constituindo, dessa forma, uma moral (sistema de valores ideológicos) e um sistema de comunicação ou estrutura de permuta. Ou seja, o consumo atua na integração das pessoas na sociedade a partir da divulgação de signos e valores. Por meio desses signos se efetivam as diferentes representações contidas na mídia, seguindo uma lógica de busca pela felicidade.

A partir de Kellner (2001) e Baudrillard (1995) buscamos salientar a relação entre mídia e cultura, por meio de um sistema de signos que se imbricam na estrutura social. Nesse sentido, Silverstone (2005, p. 16) destaca a importância do estudo da mídia na busca por “investigar as maneiras como a mídia participa da nossa vida social

e cultural contemporânea”. Assim, com base nos autores, destacamos o papel midiático a partir de sua capacidade de moldar a vida social, bem como, as consequências desse processo.

Portanto, compreender a mídia como processo de socialização requer assimilar que “ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum.” (SILVERSTONE, 2005, p.20).

A partir do contato com essas referências se estabelece não apenas o processo de socialização como também a internalização de determinados modelos exaltados pela mídia. Logo, a esfera midiática dispõe de signos que corroboram com o desenvolvimento e a aprendizagem infantil, tal como as referências disseminadas pela família e pela escola. Signos e referências que podem corroborar com visões progressistas, mas também (e predominantemente) contribuem para a reiteração de estereótipos.

Silverstone (2005) elucida a importância de compreender a mídia a partir de sua contribuição para a textura geral da experiência. De modo que, “os valores, atitudes, gostos, as culturas de classes, as etnicidades” são “reflexões e constituições da experiência e, como tais, terrenos-chaves para a definição de identidades, para a nossa capacidade de nos situar no mundo moderno” (SILVERSTONE, 2005, p. 21).

Portanto, ao considerar o processo de internalização na infância concebemos as referências simbólicas e culturais estruturadas pela família, pela escola e pela mídia como principais recursos com os quais as crianças estabelecem um primeiro contato com o mundo, este já dotado de inúmeros significados. Consequentemente, considerando essa complexidade, cabe salientar que essas instâncias podem ser convergentes ou divergentes entre si.

Se a família, a escola e a mídia podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por relações sociais específicas, os produtos da socialização – ou seja, os sujeitos, suas práticas e escolhas – podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor ruptura e/ou continuidade entre tais instâncias. (SETTON, 2002, p. 114)

Relacionamos a partir de Setton (2002, 2005) essas três instâncias de socialização para compreender uma pequena parcela do que entendemos como infância. Um conceito recente na versão que abordamos atualmente, mas com uma densa carga histórica, na qual foi concebido por uma visão adultocêntrica passando por diversos

períodos históricos (ANDRADE, 2010). Essa reflexão parte da iniciativa de conectar a mídia e a infância em uma perspectiva mais ampla, considerando o contexto e as relações sociais envolvidas nesta relação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mencionar o processo de socialização estamos nos referindo, a partir de Berger e Luckmann (2011), a predisposição do indivíduo para a sociabilidade e para assim, tornar-se membro da sociedade através de suas relações sociais. A socialização está diretamente ligada ao processo de internalização ou interiorização, considerados por Vygotsky (1991) e Berger e Luckmann (2011). Podemos inclusive dizer que esse processo é uma dimensão constitutiva da socialização, pois, é através da identificação com outros indivíduos e posterior internalização de comportamentos comuns que se dá a inserção na sociedade.

Ao pautarmos a escola, a família e a mídia, as abordamos como as principais instâncias atuantes no processo de socialização. E, no próprio entendimento dessas instituições observamos um cruzamento de discursos permeados por diversos outros fatores que podem ser convergentes ou divergentes entre si.

Essa discussão torna-se necessária na medida em que a relação entre a mídia e a infância se estabelece desde muito cedo na vida das crianças. Sendo assim, sugerimos essa reflexão inicial como embasamento teórico para que seja possível investigar essa interface de modo complexo.

Concluimos que, complexificar a relação entre mídia e infância requer ampliar o olhar para o contexto, considerando as relações sociais envolvidas no processo de desenvolvimento. Ou seja, para entender o papel da mídia perante o desenvolvimento infantil acreditamos que seja necessário tensionar perspectivas teóricas a partir de uma visão mais ampla. A partir dessas diretrizes se torna possível pensar novas perspectivas dialógicas para uma prática comunicacional mais ética que atenda e represente o respeito à infância como categoria complexa e plural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade-9788579830853-06.pdf>>. Acesso em: 10 mar 2017.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Tradução: Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BERGER P.; LUCKMANN T. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MALUF, M. R. Teorias contemporâneas na explicação do desenvolvimento psicológico. In: **Grupo de Pesquisa - Escolarização Inicial e Desenvolvimento Psicológico (EIDEP)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.mrmaluf.com.br/teorias-contemporaneas-na-explicacao-do-desenvolvimento-psicologico/>>. Acesso em: 10 fev 2016.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a15v17n2>>. Acesso em: 10 mar 2017.

_____. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11659.pdf>>. Acesso em: 10 mar 2017.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R.; VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Michael Cole (org.). São Paulo: Martins Fontes, 1991.